

TERIA SENTIDO PENSAR NO DESENVOLVIMENTO DE UMA AULA DE QUALIDADE NO ENSINO SUPERIOR?

Táuria Oliveira Gomes

Especializanda em Filosofia (DFIME-FUNREI)

Oriendadora: Prof^ª Dr^ª Ana Maria Cambuzzi (DECED)

Resumo: Proponho, neste texto, trabalhar algumas questões que favoreceriam o desenvolvimento de uma aula de qualidade no Ensino Superior. São elas: possibilitar que o aluno pense, enfatizar a importância da pesquisa, fazer a melhor escolha do material didático a ser utilizado, aplicar corretamente recursos e formas de avaliação do discente. Concluo que a diversidade do mundo impressiona e as barreiras entre o velho e o novo, entre o erudito e o popular, entre o correto e o errado estão bastante tênues, provocando uma verdadeira revolução de valores. Sendo assim, o professor-educador precisa estar atento ao novo que desponta, atento àquilo que se apresenta diferente e àquilo que permanece igual.

Palavras-chave: Ensino superior. Qualidade do ensino. Professor – educador.

Abstract: I propose, in this text, to work some subjects that would favor the development of a quality class in the higher education. They are them: to make possible that the student thinks, to emphasize the importance of the research, to do the best choice of the didactic material to be used, to apply resources and forms of evaluation of the correctly. student I conclude that the diversity of the world impresses and the barriers between the old and the new, between the erudite and the popular, between the correct and the wrong are quite fine, provoking a true revolution of values. Being like this, the teacher-educator needs to be attentive to the new that it blunts, attentive to that that comes different and to that that equal stays.

Key-words: Higher education. Quality of the teaching. Teacher - educator.

Introdução

Vários artigos de jornal (*Folha de São Paulo*, 12/11/2000), televisão (Canal Educativo/TV Interativa, 28/06/01) e obras pedagógicas (*Escola Sagarana*, 2000 e *Anais de Filosofia*, 07/1999) abordam questões sobre o professor e a sua conduta na atuação em sala de aula. É difícil notar e compreender que para ser professor não basta apenas ser conhecedor profundo na área a ser ensinada, conforme ressalta Maria Inês Marcondes de Souza (1996) em seu artigo “Tem sentido falar de uma Didática do Ensino Superior?”

Mais que dominar o programa a ser trabalhado, é preciso que se domine também a melhor maneira de trabalhar os diferentes grupos de alunos na sala de aula. Tarefa esta bastante árdua e prazerosa quando bem desempenhada. Por esta razão fica evidente a necessidade de se aprender a desenvolver uma aula de qualidade no Ensino Superior.

Fato digno de nota é que o professor é também transformador e não simples repetidor de conhecimentos prontos, acabados e nunca questio-

nador; nem tão pouco dono da palavra final da aula. Contudo, afirma Denise Leite (1999), em seu artigo "Inovação e rupturas paradigmáticas: a centralidade do conhecimento na pedagogia universitária", que o ensino continua sendo reprodutivo e distante da realidade social mesmo que já se trabalhe um avanço neste sentido.

Por outro lado, é prioritário na educação universitária que o professor seja conhecedor e condutor de investigação, contribuindo, assim, para o avanço do conhecimento de seus alunos em sua área de especialização. É importante lembrar então a colocação de Maria Isabel da Cunha (1996) em seu texto

A aula universitária: inovação e pesquisa, onde expõe: A universidade é uma instituição de contradições e, por isto, carrega a perspectiva crítica de si mesma e da sociedade (p. 357)

visto que sobre ela recaem expectativas intensas exigindo formação profissional de qualidade e solução dos problemas sociais.

A proposta da *Escola Sagarana* é construção coletiva feita através de experiências, visando democracia e qualidade, onde todos têm acesso e direito de aprender.¹

Como então desenvolver as habilidades dos alunos no curso superior,

¹ O termo Sagarana denomina a política educacional de Minas Gerais que busca um regionalismo típico com identidade e raízes do povo mineiro.

contribuindo para a formação de professores que cumpram os objetivos visados? É possível motivar o aluno a assistir e participar da aula? Qual a melhor forma de fazer isto? É objetivo promover a estruturação e a articulação entre programas e projetos setoriais da Secretaria da Educação e de outros órgãos do governo estadual visando ações que possam refletir e viabilizar as estratégias, diretrizes e metas da política educacional de Minas Gerais. Proponho algumas referências metodológicas.

Desenvolvimento de uma aula de qualidade

Primeira referência, o ensino superior precisa consistir em ser mais que uma simples transmissão de conhecimentos, induzindo o alunado a pensar, enfatizando que o que importa não é a simples repetição de fórmulas ou conceitos prontos; onde trabalhos deverão ser feitos e não simplesmente parafraseados ou copiados de extensas bibliografias desconhecidas pelo professor. Importante lembrar é que a *Internet* funciona como mais um recurso de pesquisa e não como confeccionadora de trabalhos acadêmicos. Sugiro, então, uma reconversão educativa que estimule uma "leitura" crítica de nosso passado e presente históricos, tratando de pensar a educação como meio de criação para a liberdade e para a implementação de um desenvolvimento integral de todos os acadêmicos.

Segunda referência, compreender a

grande importância da pesquisa e das várias formas de se pesquisar; valorizando, sobretudo, as “pesquisas de campo” que, quando bem desenvolvidas, trazem sínteses sempre originais. Afirmando isto com base em aulas investigativas do curso de Turismo na Instituição de Ensino Superior “Presidente Tancredo de Almeida Neves” (IPTAN)², onde futuros bacharéis têm como exercício presenciar, analisar e colher testemunhos populares sobre celebrações religiosas inculturadas e tradicionais exposições de arte, concerto musical, passeios ecológicos. Proponho, então, por meio de exercícios de pesquisa, por um lado, levantar dados empíricos da experiência sociocultural da comunidade em que vivem os alunos e, por outro, desenvolver uma análise desses dados a fim de abstrair sínteses referentes às experiências do meio sociocultural. Penso ser esta uma política voltada para a preservação da identidade cultural do acadêmico e para a divulgação da diversidade cultural da região.

Terceira referência, escolha do melhor material didático a ser utilizado no desenvolvimento pedagógico dos trabalhos de dentro e fora da sala de aula. Relato minha experiência na elaboração de um minicurso³ desen-

volvido em turmas de Ensino Médio na Escola Estadual “Coronel Xavier Chaves” em março de 2000, na cidade Coronel Xavier Chaves, pertencente ao Circuito “Trilha dos Inconfidentes”. Passamos cerca de um mês lendo e selecionando materiais a serem empregados na semana de estudo, dentre eles, músicas, textos de especialistas em Filosofia, filmes, documentários, dinâmicas de grupo. Acrescento, a proposta é de que cada acadêmico se veja “num espelho” e se reconheça, de forma a contribuir para o fortalecimento de sua própria formação, aproveitando todas as aulas ministradas pelos seus professores.

Quarta referência, saber escolher qual a melhor forma de avaliar no ensino superior, tendo em vista a realidade de cada instituição. É inteiramente impossível trabalhar extra-classe se a demanda for de trabalhadores com jornadas comerciais e difíceis de negociação, ou se estudantes vêm de cidades mais distantes, todos os dias, onde a realidade é desconhecida pelo professor; não sabendo assim o que lá buscar. A avaliação de antes, tinha por objetivo selecionar e classificar, e o que se propõe hoje é que ela seja progressiva e formativa, propiciadora de espaço para debate, onde o professor observa, anota e sugere auto-avaliação, conforme expõe Rita Durso (2001), consultora na área pedagógica. Segundo ela, “avaliar não é

² Localizado no bairro Matosinhos em São João del-Rei onde faço o curso de Turismo.

³ No primeiro semestre de 2000 eu era aluna do curso de Filosofia da FUNREI. Na disciplina Prática de Ensino em Filosofia, História e Sociologia e Estágio Supervisionado, junto com os colegas Cláudia Maria de Paula e Tiago Camilo

Eudice, optamos por planejar e desenvolver o minicurso *O Nascimento da Filosofia*.

verificar, é conhecer o que o aluno está aprendendo”, o que é fruto da experiência da vida dele; visto que um único momento de registro de aprendizagem é impossível e até inviável. Ora, mesmo que o aluno saiba pouco, ainda assim, sabe alguma coisa, afirma Durso em entrevista no Canal Educativo (28/06/01). Maria José Ferres (2001), também consultora pedagógica, ressalta que o papel da universidade é muito importante, porque trabalha a formação em serviço, mas lembra porém que “eixos fundamentais na avaliação precisam ser repensados ou melhores desenvolvidos”.

Finalizando a proposta

Concluindo, podemos defender a idéia de que não basta ter título de professor erudito, no sentido de ser conhecedor profundo do seu campo de saber, é preciso também ser conhecedor da melhor didática a ser desenvolvida no ensino superior. Lembrando sempre que neste caso a

didática destina-se a capacitar ou aperfeiçoar os professores para organizarem o processo ensino-aprendizagem. Somente com conhecimento específico de determinada área de estudo e de apreensão e aplicação de metodologia didática no ensino superior é que se torna possível chegar a uma educação de qualidade. Lembramos, porém, que o professor não é fazedor de mágicas e que é preciso interesse do aluno, a fim de que haja bom desempenho na Educação. Apresentamos como proposta que alunos curse faculdades nas áreas que realmente lhes interessem, evitando assim desarmonia no ensino.

Deixo então claro que o acadêmico, para se formar profissional, deverá se guiar pelo seu interesse em determinada área do conhecimento e não visando a fins lucrativos, uma vez que pensar numa profissão de *status* implicaria num curso feito sem motivação. Alunos inteirados influenciam seus professores a desenvolverem uma aula de qualidade.

Referências Bibliográficas

ABRECHT, Roland. *Avaliação Formativa*. Portugal: Asa, 1994.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978.

COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, v. 2.

CUNHA, Maria Isabel da. *A aula universitária: inovação e pesquisa*. IN: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – VIII ENDIPE. **Anais**. Florianópolis: UFSC / CED, 1996, v.2.

GIUSTA, Agneta da Silva. *Concepções de aprendizagem e práticas pedagógicas*. Educação em Revista. Belo Horizonte, Faculdade de Educação/ UFMG. n. 1, p. 25-31, jul. 1985.

LEITE, Denise. *Inovação e rupturas paradigmáticas: a centralidade do conhecimento na pedagogia universitária*. IN: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – IX ENDIPE. **Anais**. Águas de Lindóia: USP et al 1999, v.1.

SANTOS, Milton. *O professor como intelectual na sociedade contemporânea*. IN: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – IX ENDIPE: Olhando a dualidade do Ensino a partir da sala de aula. **Anais**. Águas de Lindóia: Vozes, 1998, p.11-28.

SOLÉ, Isabel. *Disponibilidade para a aprendizagem e sentido da aprendizagem*. IN: COLL, C. et al. (org.) *O Construtivismo na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1998.

SOUZA, Maria Inês Marcondes de. *Tem sentido falar de uma didática do Ensino Superior?* São João del-Rei: Anais de Filosofia, 1996, p. 137-144.